O barquinhovermelho

Os meninos têm sempre a impressão maluca de que o mundo está sendo feito às suas custas. É o que se dizia dos primitivos. Como se as crianças não soubessem dessa união cósmica que há entre um espirro e uma catástrofe, a imersão primordial no mundo. Foi assim que Marcos recebeu aquele barquinho. Ele andava no mar e era vermelho, mas além disso, ele próprio era o fluxo das ondas e entre barco e cosmos não havia separação. Até que chegaram os homens de terno cinza.

Eles vieram de sobrancelhas grossas, nada amigáveis, entrando porta adentro como nem o Papai Noel faria; este pelo menos vinha às escondidas, de noite. Mas estes senhores nunca haviam visto desenho animado; nem o olhar verde penetrante dos vilões de verdade eles tinham. Eram umas pálidas bochechas queimadas de sol e cerveja. E o menino observava com seus grandes olhos azuis a movimentação toda. Eram como bonecos trocando símbolos, como seu pai movia cada músculo assim como se entre eles houvesse uma espécie de dança. Eles levaram seu pai e os equipamentos do barquinho.

E sua mãe só disse que acharam que fosse uma arma.

ALGUNS CONTOS

Afonso Junior Ferreira de Lima.
Porto Alegre: Suliani Editografia, 2006, 126 p.